

GUTMAN, LAURA. A sucção: prazer e sobrevivência. IN: **A Maternidade e o Encontro com a Própria Sombra**. Rio de Janeiro: Bestseller, 2010.

xixi ficasse restrito ao âmbito privado de cada um. Sem a socialização dos odores, cada um com a própria urina, lidando com ela na intimidade, sem bate-papos na lavanderia da casa. As conversas deveriam girar em torno de outros temas, mais interessantes.

Quero esclarecer que quando Brígida veio me procurar já fizera todo tipo de consultas médicas ao longo dos anos, sem encontrar uma solução para o problema. Eu não compreendia os motivos desta situação tão peculiar, mas quis começar a tentar fazer alguma coisa.

Surpreendentemente, todos os adolescentes e crianças aceitaram a ideia da fralda. Um ano depois, os dois filhos mais velhos haviam conseguido resolver o problema e viajaram para estudar na Europa. Quando Brígida voltou para me contar o que acontecera, trouxe algumas fotos de toda a família tiradas durante umas férias em um hotel da costa atlântica argentina: era a primeira vez que podiam passar as férias em um hotel. A maioria usava fraldas, mas havia um ou outro filho que não precisava mais delas. Desde então Brígida me consulta uma vez por ano. Talvez não tenhamos tido a oportunidade de abordar uma série de problemas que teriam permitido compreender por que uma coisa assim acontecia naquela família, mas minha intenção, ao narrar este caso extremamente caricato, é nos ajudar a tirar as máscaras. Vivemos cercados por um exército de crianças enuréticas, mas estes assuntos são tratados como segredo de família. Creio que apressar as crianças a controlar os esfínteres é um dos principais motivos — embora não o único — que levam tantas crianças a retardar o controle e tantos pais a sofrer acreditando que algo está funcionando muito mal. O caso da família de Brígida talvez seja extremo, embora eu suspeite que haja mais de uma história semelhante.

A SUCÇÃO: PRAZER E SOBREVIVÊNCIA

A sucção, assim como o controle dos esfínteres, perdura como necessidade vital durante um tempo prolongado. É uma coisa instintiva.

Esse período também é muito mais longo do que os adultos desejariam que fosse. Incomoda-os e eles desejam que termine, assim como as fraldas. A sucção é o primeiro instinto de sobrevivência e está presente em todos os mamíferos, permitindo-lhes obter alimento.

Como vimos no capítulo sobre lactação, é provável que o desenho original do ser humano tenha previsto uma amamentação mais prolongada, de três a cinco anos. Em nossa cultura ocidental este período nos parece exagerado, sobretudo quando nossos filhos de 5 anos já sabem ler e escrever. No entanto, não param de sugar! Isto significa que, embora as crianças tenham amadurecido em outras áreas e deixado o peito materno há muito tempo, a necessidade de sugar continua presente.

As crianças resolvem a inegável necessidade de sugar de diferentes maneiras: dedo, chupeta, paninho, boneco. Claro que esta necessidade vai diminuindo de forma paulatina à medida que o bebê vai virando criança, mas é independente do tipo de alimento que estiver ingerindo. Algumas mães se queixam de o filho “usar o peito como se fosse chupeta”. De fato, o peito propicia acima de tudo prazer e tranquilidade. Quando a criança é desmamada, começa a procurar conforto autonomamente. E, para isso, não precisa de ninguém; sacia-se por si só quando é deixada em paz.

Vale a pena refletir sobre as razões que levam os adultos a se irritarem tanto quando as crianças chupam chupeta ou o próprio dedo. Fustigam, ameaçam as crianças: “Não ponha o dedo na boca”, “Largue a chupeta”, “Você já é grandinho”. No entanto, trata-se de um prazer pessoal que exclui o outro. Há momentos em que as crianças procuram um espaço de solidão e reclusão, e os adultos as incomodam afirmando que assim não podem ficar tranquilas. Pelo menos não com o dedo na boca.

Segundo a visão autoritária dos adultos, é possível suprimir a chupeta, assim como as fraldas, mas essa atitude não leva a criança a se livrar de sua necessidade de sugar, ainda não superada. Cada etapa que é vivida plenamente termina plenamente e evolui para outros interesses. Caso contrário, as necessidades não satis-

feitas se deslocam e depois ficamos sem compreender a que falhas estão relacionadas. Por exemplo, vícios como o de fumar, a compulsão de comer, a dedicação insana ao trabalho ou os ciúmes desmedidos em certas relações afetivas nas quais “sugamos”, desesperadamente, à procura do prazer — sem, no entanto, conseguir encontrá-lo por meio dessa reparação ilusória, uma vez que se trata de uma transferência inconsciente e tardia de necessidades primárias básicas que não foram satisfeitas. É preciso, simplesmente, deixar que a criança chupe tranquila. Porque é apenas uma criança.

Todas as mães sabem como é desmedida a reação de pessoas da rua diante do fato de uma criança de 3 anos usar chupeta. Por isso aderem ao sentimento de que “algo vai mal”. No entanto, vale a pena refletir sobre as suspeitas pessoais quando alguém, neste caso a criança, consegue procurar o prazer por seus próprios meios. Talvez nos remeta a nossos problemas não resolvidos em relação à masturbação. Seja o que for, proponho que reflitamos, tentando descobrir o que nos incomoda tanto. Devemos partir do pressuposto básico de que o fato de uma criança pequena sugar não apenas é normal, como presumível.

Muitos pais alegam que os dentistas desaconselham firmemente o uso da chupeta, uma vez que ela seria a causa da deformação do palato. É um tema controverso. É possível que, em parte, seja real, mas é paradoxal que uma ferramenta tão poderosa como o sistema de sucção, fornecido pela natureza, possa nos prejudicar. Por outro lado, me parece notável que 100 por cento das crianças precisem de tratamento ortodôntico. Há palatos de todos os tamanhos e formas, diversidade semelhante a de olhos, cabelos e peles. A menos que os dentes estejam esteticamente muito tortos para os nossos padrões ocidentais, não consigo entender esta obsessão generalizada por dentes certinhos. Além do mais, não me consta que o uso da chupeta seja a causa dessas deformações.

Quando vale a pena se preocupar com a sucção exagerada? Quando a chupeta inibe a criança a ponto de impedi-la de se comu-

nicar com os demais. Quando fica sozinha com a chupeta vendo televisão e parece que o mundo não existe. Quando estabelece uma relação íntima com a chupeta. Estes casos não se resolvem pela proibição da chupeta, mas, pelo contrário, oferecendo-lhes presença, comunicação e diálogo. Quando o abandono emocional é muito grande, advém a necessidade de procurar prazer solitariamente. Por isso, nossos olhares devem se dirigir à necessidade original e não à maneira encontrada pela criança para aliviar suas dores.

Quando se oferece a uma criança que está vendo televisão com a chupeta na boca a possibilidade de brincar, ela sempre opta por brincar. Mas a proposta ativa deve partir do adulto, pois, certamente, essa criança já pedira antes, de maneira exaustiva, que alguém brincasse com ela, e diante das negativas que, sem se dar conta, os adultos habitualmente repetem, fez o que estava ao seu alcance. Em geral, os adultos têm sempre alguma coisa mais importante ou urgente para resolver; gostariam que a criança brincasse sozinha, mas sem chupeta. Isso é ficar duplamente sozinha. Quando a criança é extremamente retraída, precisa ainda mais da presença de um adulto que, com amor, volte a colocá-la no mundo do intercâmbio e da comunicação, da brincadeira e da fantasia criativa, e aí a chupeta perde seu valor. É imprescindível avaliar se trata-se de uma patologia ou, simplesmente, de uma criança que está sozinha e espera.

A ÁGUA, ESSA DOCE SENSACÃO

A água é a mãe. O bebê andou por ali durante nove meses nadando em suas águas. A sensação sempre prazerosa de estar dentro da água é a de estar dentro da mãe. “A água nos permite voltar para casa”, ao grande ventre original. A água nos ampara, nos acalma, nos abriga. E as crianças em particular têm dela uma recordação mais fresca e tenra, uma vez que a vida intrauterina ainda é palpável. A água aquieta o tempo e o espaço, abafa os sons potentes, é feminina e envolvente, acaricia e protege. A água nos concede uma percepção